



2019

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[06.04.2019](#) – Mensagem no Dia Nacional do Combatente

[06.04.2019](#) – Dia Nacional do Combatente

[29.05.2019](#) – Dia internacional do Capacete Azul (ONU)

[18.08.2019](#) – Visita a Timor-Leste

[05.10.2019](#) – Dia da Independência de Portugal

[11.11.2019](#) – 101.º Aniversário do Dia do Armistício da Grande Guerra, 98.º Aniversário da Fundação da Liga dos Combatentes e 45.º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES NO DIA NACIONAL DO COMBATENTE

6 de abril de 2019

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Após durante quatro anos termos evocado o centenário da Grande Guerra é altura de celebrarmos o Centenário da Conferência de Paz. Não obstante a Paz conseguida tivesse sido precária e decorridos vinte anos o mundo tivesse sido mergulhado numa Segunda Guerra Mundial, a Paz, a tranquilidade, o bem-estar em Liberdade são anseios profundos do ser humano em sociedade. E os que um dia se viram confrontados com a guerra, tendo que nela participar, são os principais arautos da Paz.

Por isso, neste Dia Nacional do Combatente em que fundamentalmente homenageamos aqueles que serviram e caíram ao serviço de Portugal e nos reunimos em cerimónias no país e no estrangeiro, em sua memória e na promoção dos valores superiores do país, importa sublinhar que na Liga dos Combatentes sentimos que sempre fomos, somos e seremos Combatentes pela Paz.

Como Presidente da Liga dos Combatentes aqui vos deixo essa mensagem de esperança e de garantia de que lutaremos sempre para que essa paz não seja apenas uma Paz externa, mas também uma Paz interna que garanta a todos e a cada um o espaço e o tempo de qualidade de vida e dignidade humana que merecem.

*Vivam os Combatentes Por Portugal
Viva Portugal*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA NACIONAL DO COMBATENTE, NA BATALHA

6 de abril de 2019

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional, e vogal honorário do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes

Excelência

O nosso sincero agradecimento por ter decidido presidir a esta cerimónia, no dia em que evocamos os combatentes por Portugal. Permita-me que sublinhe o interesse que V^a Exa vem demonstrando pela causa dos antigos combatentes.

Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas e vogal honorário do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes.

Os nossos profundos agradecimentos, não só pela sua presença, mas por todo o apoio garantido pelas FA para a realização desta tradicional e secular cerimónia militar, de homenagem aos combatentes.

Permita-me igualmente que sublinhe o seu inestimável interesse, sensibilidade e entusiasmo com que se empenhou e empenhou as Forças Armadas e Forças de Segurança no apoio à evocação do centenário do Armistício, no passado mês de Novembro, na avenida da Liberdade, em Lisboa.

Exma. Senhora Secretária de Estado da Defesa Nacional, o nosso reconhecimento pelo interesse demonstrado pela causa dos antigos combatentes; Exmo. Senhor Presidente da Câmara da Batalha e da Assembleia Municipal da Batalha, o nosso agradecimento por mais uma vez nos receberem em vossa casa; Exmo. Senhor Vice-presidente da Comissão Parlamentar de Defesa da Assembleia da República; Exmos. Senhores, e Generais Chefe de Estado Maior do Exército e general Chefe de Estado Maior da Força Aérea, vogais honorários do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, e Exmo. Senhor Vice Almirante Vice Chefe do Estado Maior da Armada Exmos senhores General 2.º Comandante Geral da GNR e Representante do Senhor Diretor Nacional da PSP (Comandante Distrital de Leiria); Exmo. Senhor Embaixador de Angola; Exmo. Senhor D. Duarte Pio de Bragança, agradeço a sua presença como combatente, mas também por ter decidido agraciar a Liga dos Combatentes com uma distinção honorífica o que muito nos sensibiliza.

Ex^a Reverendíssima D. Rui Valério, Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança. Os nossos agradecimentos pela sua presença e pelas palavras proferidas na homilia de hoje.

Exmos. Senhores Almirantes e Generais antigos Chefes de Estado Maior, senhores almirantes, generais e oficiais generais; Exmo. Senhor Presidente da Cruz Vermelha do Mosteiro da Batalha; Exmos. senhores Presidentes das Câmaras de Leiria, Cantanhede, Palmela e Reguengos de Monsaraz; Exmos. Senhores Diretores-gerais; Exmo. Senhor Presidente do Observatório Internacional de Direitos Humanos; Exmos. Senhores Adidos de Defesa de países amigos, Espanha, Estados Unidos da América, França, Moçambique, Angola, e Rússia; Exmos. Senhores Presidentes de Associações de Combatentes e de Núcleos e Associações da Liga dos Combatentes e da British Legion; Exmos. Senhores Membros honorários da Torre Espada Valor Lealdade e Mérito, membros do Conselho Supremo e da Direção Central da Liga dos Combatentes.

Ilustres Convidados. Minhas Senhoras e meus Senhores
Caros Combatentes

Evocamos hoje o Dia Nacional do Combatente. Fazemo-lo neste lugar e momento há 98 anos. Aqui, onde se evoca o aprofundamento da independência de Portugal com uma vitória decisiva em Aljubarrota, com o levantamento deste Mosteiro de Santa Maria da Vitória e se completa esse simbolismo, com a estátua a cavalo, do militar, combatente e santo, D. Nuno Álvares Pereira, que garantiu essa mesma vitória.

Hoje, duplamente evocado, por há precisamente 635 anos a 6 de abril de 1384, em Atoleiros, usando a tática do quadrado e do “pé em terra”, sem uma baixa, ter vencido e impedido a entrada em Portugal de uma hoste de Castela.

Aqui, na cidade da Batalha, e neste dia, em que se evocam os militares que serviram Portugal além-fronteiras ultramarinas, através de um padrão de homenagem à figura mítica de Mouzinho de Albuquerque.

Aqui, onde em 1921, após o fim da Grande Guerra, se inumaram em campa rasa os restos mortais de dois soldados desconhecidos trazidos simbolicamente do centro da Europa e de África, em homenagem aos quais fazemos hoje a 98ª Romagem, evocando os que simbolizam, para nós, os soldados sem campa, caídos por Portugal.

Enfim, onde mais uma vez, na presença das mais altas entidades do Estado, como desde há 98 anos, Presidentes da República, Primeiros-ministros e Ministros, ato igualmente sufragado em despacho pelos Chefes Militares dos Ramos, se comemora o Dia Nacional do Combatente e se visita a memória de todos aqueles marcos culturais e humanos da História de Portugal, e a eles juntamos todos os outros e recordamos e homenageamos, todos quantos serviram o seu país, de armas na mão, quando foi necessário, de Afonso Henriques aos nossos dias.

Iluminamos hoje, os que se bateram na guerra do ultramar e se batem nas operações de paz e humanitárias, em forças nacionais destacadas. Neste Dia Nacional do Combatente sublinhamos e evocamos quatro efemérides, do século XX, que envolveram combatentes por Portugal.

O 101.º aniversário da Batalha de La Lys, em França e o Centenário do regresso a Portugal, das tropas do CEP. O 58º aniversário da chegada das Nossas Tropas a Nambuangongo, em Angola, e da queda de Goa, Damão e Diu, perante a invasão indiana. E o 26º aniversário da primeira Força Nacional Destacada no âmbito da ONU, em Moçambique, em poio do processo de Paz, a ONUMOZ.

Momentos difíceis, distintos e marcantes da História militar recente de Portugal, mas no que se refere as Forças Armadas, sempre momentos idênticos de serviço: - o cumprimento de missões ao serviço de Portugal, determinadas pelo poder político.

Depois de, durante os últimos quatro anos, termos evocado, a nível nacional, o fenómeno guerra, evocando o centenário da Grande Guerra, no ano em curso queremos fundamentalmente, não evocar, mas celebrar a paz. A paz externa, a Paz interna e a Paz Real individual que cada combatente ambiciona e merece. A paz, como a que resultou, então, da Chamada Conferência de Paz iniciada em 1919, com a criação da Sociedade das Nações que facilitaria os diversos tratados

de Paz conseguidos, mas cujo processo duraria mais tempo a concretizar do que durou a própria guerra.

Tratados, acordos, conflitos, cessar fogos e conflitos político-diplomáticos, são os ingredientes da descrição de uma alucinante e decadente Europa Imperial em permanente convulsão. O que poderá impressionar é a volatilidade dos acordos, a fragilidade e não respeitabilidade dos tratados, a mudança constante dos fatores de decisão política, a alteração permanente da grande estratégia face a mudança dos Grandes Chefes ou dos Grandes Partidos.

Se nas causas da Grande Guerra se salientam os “ismos” então existentes, como os nacionalismos, o imperialismo e o social darwinismo, após a Grande Guerra por muitos considerada como o berço do modernismo, aprofundou-se um radicalismo sustentado pelo nazismo na Alemanha, fascismo na Itália, o comunismo na Rússia e mesmo entre nós o salazarismo, os quais em escassos vinte anos de paz, conduziram a Segunda guerra Mundial e, entre nós, à guerra do ultramar.

Vinte anos de paz aparente que nos conduzem a uma impressionante constatação da evolução do país derrotado, a Alemanha. De fato, um país que acabou por não ser militarmente invadido, que fez uma guerra em que as suas forças estiveram a 120 km de Paris, sofre uma contraofensiva das forças aliadas que os persegue, mas fica a 700 km de Berlim, sem entrar em território alemão e que embora conquistando a vitória, não o fizeram segundo os vencidos, militarmente;

Um país que termina a guerra sem moeda, em que a troca direta substitui a moeda, em que a população se revolta, a greve geral aprofunda a fome e a pobreza e abre portas ao comunismo que leva Lenine a afirmar “a revolução que se aproxima na Alemanha é o acontecimento mundial do nosso tempo”;

Um país com 2000 por cento de inflação ao mês; que perde milhões de homens e algum território e é confrontado por um tratado de paz imposto pelos seus opositores, recupera de tal forma, que tem coragem para interromper a Paz e lançar a Europa numa nova e Segunda Guerra Mundial, com os resultados catastróficos conhecidos.

Se a grande guerra marcou a Europa política e geograficamente com outros traços. O mesmo sucedeu após a segunda guerra mundial com uma colonização na Europa e a descolonização no mundo. Seria necessário esperar pelo fim do século, para com a queda do muro de Berlim e de uma guerra fria e de uma Paz sustentada por um terror nuclear, para se voltarem a desenhar novos contornos europeus políticos e geográficos. Até nos nossos dias, se vive idêntico momento político em que a Europa após um esforço de união, ameaça desagregar-se e estabelecer novas fronteiras políticas e geográficas, pondo em causa sua própria segurança. Afinal a História parece repetir-se.

No meio desta constante e profunda mutação da Europa um país mantém as suas seculares fronteiras há novecentos anos: Portugal.

Minhas Senhoras e meus senhores

Não queremos celebrar apenas o centenário da Paz de Versalhes, um dos acordos da Conferência de Paz da Grande Guerra, mas também os 45 anos da Paz da Guerra do Ultramar, conflito que nos é muito caro, pois muitos de nós tivemos infelizmente que nele tomar parte. A Paz é e foi sempre muito cara para aqueles que tiveram que fazer a guerra. Os combatentes da grande guerra criaram a Liga dos Combatentes, fundada em 1921, a qual teve na sua génese como objetivos base, a

promoção dos valores e a prática da solidariedade, em especial para os combatentes mais carenciados, cegos, mutilados, gaseados stressados, viúvas e órfãos, objetivos que pautaram a sua existência, até hoje.

É, porém, uma realidade que a sua missão deduzida dos seus estatutos e da missão da Federação Mundial dos Antigos Combatentes de que é membro, lhe acrescentam dois pilares fundamentais do nosso tempo: a promoção da Paz e a promoção dos Direitos Humanos. Valores, Solidariedade, Paz e Direitos do Homem, em suma Liberdade e Democracia, são os objetivos que fazem hoje da Liga dos Combatentes uma Instituição moderna, virada para o futuro, aberta a qualquer cidadão, tendo com alvo e núcleo fundamental, aqueles que vestem ou um dia vestiram o uniforme das Forças Armadas ou das Forças de Segurança e combateram pela Paz, quer no ultramar, quer nas Forças Nacionais Destacadas, nomeadamente os mais carenciados física, mental e socialmente bem com suas famílias.

Merece-nos um profundo respeito e admiração o trabalho secular, sem paralelo, realizado ao longo dos anos, no terreno, em apoio dos antigos combatentes, pelos nossos antecessores na Liga dos Combatente, e cuja experiência deve ser considerada, respeitada e não esquecida.

Somos de facto hoje uma instituição secular moderna, útil, visível e credível, ao serviço do país e dos seus membros em particular. Por isso orientamos os combatentes no cumprimento dos seus deveres de Cidadania e de antigos combatentes. Por isso lutamos pelos seus direitos e pela sua dignidade. Por isso felicitamos o governo e o Sr. Ministro da Defesa Nacional, por, no novo destino a dar ao Hospital de Belém, se não ter esquecido dos antigos combatentes.

Também por isso aguardamos, com tranquilidade e esperança, que o conteúdo da proposta de lei do governo sobre os antigos combatentes, que o estatuto tenha em consideração os comentários e propostas da Liga dos Combatente e seja fonte de inspiração para uma reconciliação real dos Combatentes com o Estado.

Igualmente, por isso, voltamos a apelar para que a lei do Princípio da Onerosidade, que injusta, ilegal e intempestivamente o Ministério das Finanças tenta aplicar a cinco edifícios cedidos há décadas pelo Exército e recuperados pela Liga, seja definitivamente resolvido. Quando queremos celebrar a paz e arranjar motivos que testemunhem a nobreza da nossa causa, somos com muita frequência confrontados com situações e atitudes que nos tentam desviar, ou mesmo condicionar, a nossa missão fundamental.

Disse há pouco que evocamos também hoje o centenário do regresso do CEP a Portugal. Não podemos esquecer o que esse regresso significou para os antigos combatentes e famílias, assim como não podemos esquecer o que significou o regresso a Portugal das tropas e gentes após o fim da guerra do ultramar e as suas consequências até hoje.

A grande deficiência visível tem tido algum conforto, mas infelizmente a deficiência invisível, física, mental e social são uma realidade da Liga dos Combatentes e de mais associações, a merecer cuidados e apoios especiais por parte das entidades públicas. Por isso, lutamos e apelamos à compreensão, reconhecimento e solidariedade para com os antigos combatentes da guerra do ultramar e das operações de paz e humanitárias e apresentámos medidas concretas de carácter económico e social. Há antigos combatentes que não são professores! Há antigos Combatentes que não são enfermeiros! Há antigos combatentes que não são juízes! Há antigos combatentes que merecem um apoio económico e social efetivo no processo de envelhecimento, com

adequado apoio hospitalar, nomeadamente no Hospital das Forças Armadas! Há antigos combatentes que têm pensões de pobreza! Esse é o seu poder reivindicativo! Nós somos as suas vozes que merecem ser ouvidas. Não quero terminar sem assinalar alguns acontecimentos muito recentes que nos tocaram.

O primeiro diz respeito à perda recente do General Altino de Magalhães e do Comendador Arruda. O primeiro antigo Presidente da Liga dos combatentes que nos deixou precisamente no ano dos 25 anos do Monumento aos Combatentes em Belém, obra que se ergueu tendo ele como Presidente da Comissão Executiva. O segundo, Presidente da ADFA que nos deixou abrupta e prematuramente. Os dois serviram, lutaram e marcaram os antigos combatentes e merecem o nosso profundo reconhecimento e respeito.

A segunda referência diz respeito a Moçambique e à situação criada por recente ciclone. A Liga dos Combatentes contactou a sua congénere Associação de Combatentes da Luta de Libertação Nacional, manifestando a sua solidariedade, tendo decidido colocar uma verba simbólica à disposição da Embaixada de Portugal no Maputo, através do Adido de Defesa.

Finalmente, uma referência que muito nos regozija podermos assinalar. Angola acaba de autorizar finalmente a Liga dos Combatentes a desenvolver o seu Programa Conservação das Memórias, naquele país. Não obstante as tentativas governamentais e da Liga anteriores, permito-me fazer um agradecimento especial a Sua Exa o Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa pelo interesse demonstrado na resolução deste assunto, a qual aguardávamos há catorze anos. Agradecimento extensível a quem tomou a decisão final: Sua excelência o Presidente da República de Angola João Lourenço.

Minhas senhoras e meus senhores
Caros Combatentes

Lutamos sempre pela dignidade dos que caíram por Portugal em qualquer parte do mundo. Como disse o General Joffre em La Couture, a 11 de novembro de 1923, na inauguração do Padrão de Portugal:

“Nós os admiramos. Nós choramos por eles como nossos filhos, pois eles morreram como eles, ao lado deles, com eles”.

Termino com um vivam aos Combatentes por Portugal, e um Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DOS CAPACETES AZUIS

29 de maio de 2019

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Almirante Silva Ribeiro digníssimo CEMGFA e Vogal de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes
Excelência

Os nossos agradecimentos pelo incondicional apoio que vem prestando a causa dos combatentes, nomeadamente a Liga dos Combatentes.

Hoje, mais uma vez, aqui estão irmanados, na promoção dos mesmos valores, os combatentes de hoje e os combatentes de ontem. Os combatentes de sempre.

Permita que na sua pessoa e na pessoa dos Exmos. senhores Almirante e generais Chefes de Estado-maior da Armada, do Exército e da Força Aérea, bem como do General Comandante da GNR e Diretor Nacional da PSP agradeça, a todos, não só a sua presença como a presença das forças em parada e o brilhantismo e significado institucional que dão a este momento, mas também o apoio dado para que, hoje, possamos inaugurar um padrão de homenagem a todos os que serviram, ou caíram, no cumprimento de missões humanitárias e de paz, ao serviço das Forças Armadas e Forças de Segurança de Portugal, aprofundando assim, o alargamento do horizonte espiritual deste altar da Pátria.

Exma. Senhora Secretária de Estado da Defesa Nacional Professora Doutora Ana Santos Pinto; Exma. Senhora Secretária de Estado Adjunta e da Administração Interna Dr.^a Isabel Oneto; Exmo. Senhor Presidente do Grupo Parlamentar do PSD Dr. Fernando Negrão; Exmo. Senhor Representante da República para a Região Autónoma da Madeira Juiz Conselheiro Ireneu Cabral Barreto; Exmo. Senhor Presidente da Comissão Permanente da Assembleia da AR da Defesa Nacional Dr. Marco António Costa; Exmos. Senhores Deputados da Assembleia da República; Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém Dr. Fernando Rosa; Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado Maior da Armada António Mendes Calado; Exmo. Senhor General Chefe de Estado Maior do Exército General José Nunes da Fonseca; Exmo. Senhor General Chefe de Estado Maior da Força Aérea General Manuel Nunes Borrego; Exmo. Senhor Diretor Nacional da PSP Superintendente-chefe Luís Farinha; Exmo. Senhor 2.^o Comandante da GNR General Clero, em representação do Comandante Geral; Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores Gerais; Exmos. Senhores Presidentes de Associações de Combatentes e de Núcleos da Liga dos Combatentes

Ilustres Convidados. Minhas Senhoras e meus Senhores

A todos, um sentido reconhecimento e um muito obrigado pelo vosso apoio e pela vossa presença incentivadora.

Caros Combatentes das Operações Paz e Humanitárias, Capacetes Azuis, da OTAN e da União Europeia. Combatentes de sempre, incluindo os perfilados, hoje, perante nós.

Permitam-me que comece por situar quem vos fala e quem representa. Fala-vos, com muita honra, o Presidente da Liga dos Combatentes. Aquela Instituição responsável por que a memória

dos que se bateram na grande guerra e na guerra do ultramar, esteja bem viva nos nossos dias. E que já hoje trabalha para perpetuar a vossa memória.

Daquela instituição que há um século a esta parte, fossem quais fossem os governos, os partidos, as democracias ou ditaduras, lutou e luta pela honra dos combatentes mortos e pela dignidade dos combatentes vivos. E já luta, hoje, pela honra e dignidade de muitos de vós. Nasceu com a República, atravessou a ditadura e cresceu com a democracia.

Somos a organização que se viu no passado ser reconhecida pelos próprios, como herdeira dos seus valores morais e materiais como a Junta Patriótica do Norte, a Cruzada das Mulheres Portuguesas, a Comissão dos Padrões da Grande Guerra e a comissão das sepulturas de guerra. E, já depois do 25 de Abril, herdeira da Associação de Mutilados da Grande Guerra e do Movimento Nacional Feminino e, mais recentemente, como sócios coletivos, ou já Núcleos, a Associação Nacional de Prisioneiros de Guerra, a Associação de Militares Combatentes do Ultramar, de Cuba, de Winnipeg, Montreal, Toronto, Março de Canaveses, do Comité Aristides Mendes, da Associação de Pampilhosa da Serra, da Associação Franco Portuguesa de Richebourg, e de Roubaix, num total de dez associações de combatentes que decidiram juntarem-se á Liga dos Combatentes.

Somos e queremos continuar a ser uma referência do Movimento Associativo dos Antigos Combatentes. Fomos e somos uma associação pública, de direito privado, utilidade pública e com administração autónoma do estado, única no país sob tutela do Ministério da Defesa Nacional. Associação aberta à sociedade civil e a outras associações, de cooperação com as entidades públicas, transparente, frontal e democrática.

O nosso universo foi, e é, um universo de gaseados, cegos mutilados e combatentes esquecidos que nunca deixámos abandonados, de stressados, alguns de difícil controlo, de pensões de pobreza, de combatentes sem abrigo, idosos, doentes físicos, doentes mentais e doentes sociais, com Alzheimer, com Parkinson, com violência doméstica, com problemas por esclarecer com a instituição militar, com a segurança social e com a caixa geral de aposentações.

A estes, se juntam milhares e milhares de combatentes que regressaram mais fortes, mais homens e mais cidadãos, bem como famílias, que voluntariamente apoiam os mais fragilizados, constituindo a maior e mais coesa organização de combatentes, famílias e cidadãos comuns do país, que apoiam combatente e carenciados, promovem a história, os símbolos nacionais, a cultura, a saúde, a solidariedade, o ensino, o trabalho, a paz, a segurança e os direitos do homem, nos termos estatutários. E que por isso merece ser ouvida e respeitada.

É esta instituição que, sob tutela do governo, lutará com todas as suas forças e saber, para que, convosco, combatentes das missões de paz, das Forças Armadas e das Forças de Segurança, garantirem a passagem do testemunho. Temos o orgulho de já hoje, cinquenta por cento dos nossos núcleos terem dirigentes jovens com experiência de combatente das missões de Paz. A passagem do testemunho está sendo uma realidade.

Hoje, é dia de evocarmos os que, no presente e no passado recente, servem e serviram as Forças Armadas e Forças de Segurança nas Operações de Paz e Humanitárias, com especial respeito e profunda gratidão pelos que caíram ao seu serviço.

Decidiu a ONU estabelecer o Dia 29 de Maio como o Dia dos Capacetes Azuis, ao qual nós acrescentamos os que serviram Portugal nas OTAN e na União Europeia, evocando hoje o Dia das

Operações de Paz e Humanitárias, honrando aqueles que, ou em Forças Nacionais Destacadas, ou individualmente, nelas tem vindo a tomar parte.

Não obstante o estabelecimento destas forças pela ONU há 71 anos, período durante o qual 3 milhões e meio de pessoas nelas tomaram parte, e 773 jovens nelas perderam a vida, o Secretário-geral da ONU, António Guterres, em novembro de 2018, apelou aos países da ONU pelo Fortalecimento da Cooperação entre os estados que permita Missões mais fortes e seguras, apoiadas num maior apoio coletivo para soluções políticas, e um melhor treino e equipamento das Forças. Não deixando de apelar a soluções inovadoras e a estratégias de desenvolvimento regionais, para facilitar a manutenção da paz.

Tendo como objetivo a melhoria da eficácia das forças, nomeadamente na Prevenção da Paz, na Manutenção da Paz e na Construção da Paz, não deixou de salientar a necessidade de, para além de aumentar o número de mulheres ao serviço da operações de paz, que hoje representam apenas 4% dos efetivos, dos quais dois terços são africanas, há que pensar em meios mais móveis e proactivos, em alguns casos com veículos blindados e helicópteros que garantam mais proteção das forças, mais eficiência e mais eficácia. Em especial nas operações em África que neste momento são sete, das catorze que a ONU tem em curso.

Face a diversidade e complexidade das ameaças que cada vez mais exigem respostas capazes de prevenir, manter, construir e quando oportuno impor a paz, os meios a disposição das forças a que é dada essa missão tem que ser cada vez mais sofisticados.

Minhas e meus Senhores

A Liga dos Combatentes no cumprimento estrito do seu Estatuto, tem vindo desde há anos a desenvolver ações de reconhecimento, apoio mútuo e solidariedade, para com esses novos combatentes, incluindo o apoio social e à saúde.

Por isso, desde 2004 que se têm vindo a desenvolver ações concretas de homenagem e se estabeleceu um Programa Estratégico Estruturante que denominamos de Passagem do Testemunho, tendo como objetivo a perenidade da nossa centenária instituição.

Agradecemos por isso aos mais altos responsáveis das Forças Armadas e Forças de Segurança nos darem esta oportunidade de melhor informação e visibilidade e com elas o aprofundamento da passagem do testemunho dos combatentes mais velhos, aos novos combatentes.

Permitam-me que faça um apelo para que essa ligação possa ser cada vez mais aprofundada e que seja reconhecida a existência de um delegado da Liga dos Combatentes em cada unidade, por forma a poder esclarecer quem fomos, o que somos e o que queremos continuar a ser, ao serviço do país e das forças armadas e forças de segurança e na promoção de valores e prática da solidariedade.

Foi por isso, que neste mesmo lugar, no Dia da evocação do Armistício em 2004, foi convidado o então Coronel Calçada para fazer uma intervenção sobre Os Combatentes nas Operações de Paz; que em 2006 na cerimónia do 11 de novembro foi colocada a lápide de homenagem aos caídos nas Operações de Paz, neste espaço, tendo sido convidado de honra o então Cor Vaz Antunes para proferir a conferência subordinada ao título o Combatente de Hoje e a União Europeia.

Seguiram-se conferências, exposições e cerimónias no Museu do Combatente e o ano passado com o apoio do EMGFA, dos Ramos e das Forças de Segurança, o empenho do senhor Almirante CEMGFA Silva Ribeiro e sob a Presidência de Sua Exa o Presidente da República se evocou, neste mesmo lugar, de forma muito significativa e institucional, o Dia das Operações e Paz e Humanitárias e que, ao nível da ONU, se evoca em todo o mundo como o Dia dos Capacetes Azuis. Para além do Dia do Combatente a 9 de abril, do Dia de Portugal a 10 de Junho, do Dia do Armistício a 11 de novembro, celebrados por nós há décadas, a Liga dos Combatentes, com o apoio das Forças Armadas e Forças de Segurança inscreveu no seu calendário de evocações anuais, o dia 29 de maio.

No ano em curso, com a inclusão nesta cerimónia, da inauguração de um padrão de homenagem aos combatentes das Missões de Paz e aos que nelas perderam a vida. Depois de um monumento na Bósnia, em Doboj, e outro no Kosovo, este é o Primeiro Monumento em Território Nacional, com aquela finalidade. Após definido o conceito, o projeto é do Arq. Varandas, membro da Direção Central da Liga e a construção é coordenação do Eng.º Esquível.

Junto da Lápide, com os seus nomes, garantimos a este espaço de memória, uma leitura de abrangência histórica ímpar.

De facto, em duzentos metros, temos símbolos como a Torre de Belém que nos transporta ao século dezasseis, o Forte do Bom Sucesso ao século dezoito, o monumento à aviação e aos Combatentes do Ultramar ao século XX e a partir de hoje, o Monumento as Operações de Paz ao século XXI. Em duzentos metros, quinhentos anos de história. História que nos enobrece e nos empolga.

Nós que transportamos e honramos, até hoje, a memória recente dos combatentes que serviram as Forças Armadas e Forças de Segurança em conflitos abertos, em todo o mundo, ao serviço de Portugal, corajosamente apelamos aos combatentes de hoje que, num futuro próximo, quando vos deixarmos, transportem e honrem igualmente a nossa memória de combatentes, pois estarão, como nós sempre estivemos a honrar Portugal, as suas Forças Armadas e Forças de Segurança, bem como os melhores dos seus melhores.

Permitam-me hoje deixar uma palavra de incentivo e de garantia que a sua retaguarda está atenta, e que se sente honrada com aos serviços que estão prestando à segurança mundial e consequentemente a Portugal.

Incentivo àqueles e aquelas que, envergando uniformes, sentimentos e determinação de portugueses, se batem hoje:

No âmbito da União Europeia, no Oceano Índico, no Mediterrâneo, na Somália e na República Centro Africana.

No âmbito da NATO, no Mediterrâneo, no Báltico, no Mar do Norte e no Adriático, na Lituânia, Roménia, Afeganistão, Iraque, Kosovo e Polónia.

No âmbito da ONU, na República Centro Africana e Mali.

Em Operações bilaterais e multilaterais, no Iraque, Jordânia, S. Tome, Golfo da Guiné, Atlântico e Mediterrâneo.

Grande participação nossa, na resolução de conflitos sociais e políticos complexos, no mundo inteiro, em cenários complexos, de homens e mulheres que servem Portugal “Com brio e determinação”.

É com regozijo e admiração que ouvimos e lemos referências feitas por altas entidades estrangeiras sublinhando “o profissionalismo intocável” a “extrema perícia”, o “humanismo”, a “competência” o “total respeito pelos direitos humanos” dos nossos militares.

Não obstante isso, temos já Vinte e um jovens combatentes portugueses, entre os 773, que sacrificaram as suas vidas em operações de campanha deste tipo.

Esses vinte e um combatentes que honramos numa lápide anexa às lápides dos que se bateram no ultramar nos cinco cantos do mundo, caíram igualmente em nove países desses mesmos cinco cantos.

Cinco em Africa, dois em Angola, um em S. Tomé, um na Costa do Marfim e um no Mali; Seis na Europa, cinco na Bósnia e um no Kosovo; Dez na Ásia, sete em Timor, um na Indonésia e dois no Afeganistão. Ao todo dezasseis militares do Exército, dois da Marinha e três da GNR, sendo 11 praças, sete sargentos, dois oficiais e um oficial general.

Hoje como outrora, ao serviço dos interesses superiores do país, servindo Portugal e contribuindo para a garantia da Paz no mundo.

Minhas senhoras, meus senhores

Após a inauguração do Monumento aos Combatentes as Operações de Paz, as cerimónias continuarão no interior do Museu do Combatente com homenagem aos homens e mulheres das operações de Paz em Forças Nacionais Destacadas, com dois momentos musicais inéditos, a apresentação de trabalhos escultóricos referentes aos capacetes azuis, por alunos do Agrupamento de escolas de Cascais e da Casa Pia, o lançamento e apresentação do Livro “Liga dos Combatentes ao serviço do país”, na Sala Aljubarrota, onde se encontra uma exposição do Museu relativa à ação das Forças Nacionais Destacadas, em 2019, e obras de Domingos Camponês sobre o mesmo tema.

Convido todos os presentes a continuarem a acompanharem-nos nestas cerimónias. Termino congratulando-me pelos apoios recebidos para a realização deste evento, agradecer a todos os que participaram na sua organização e os que nos deram a honra da sua presença, bem como expressar o orgulho que temos em continuar a servir Portugal e os Portugueses, na prossecução dos valores que aprendemos ao serviço das Forças Armadas e das Forças de Segurança.

Vivam as Forças Armadas e Forças de Segurança, Viva a Liga dos Combatentes, Viva Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

VISITA DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES A TIMOR-LESTE

20 de agosto de 2019

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor General CEMGFA de Timor-Leste, MGen Lere Anan Timur; Exmo. Senhor Almirante CEMGFA de Portugal, Almirante Silva Ribeiro; Exmo. Senhor Embaixador, de Portugal em Timor Leste, Dr. José Pedro Machado Vieira; Exmo. Senhor Administrador, do Município de Aileu, Dr. João Tilman Rego

Ilustres entidades civis, militares e religiosas, presentes
Minhas senhoras e meus senhores, veteranos e famílias

Entre 1942 e 1945, Timor começou a fazer parte da minha vida como da vida de milhões de portugueses, para não mais sair.

Então na escola primária, Ramelau, Tatamailau, como a Serra mais alta de Portugal e a invasão de Timor por potências estrangeiras durante a segunda guerra mundial, bem como a referência a que os timorenses não pisavam a sombra da bandeira portuguesa e então a guardavam e escondiam bem dobrada em vários lugares de Timor, foram na minha juventude, mensagens recebidas e jamais esquecidas. Jamais esquecidas igualmente as atrocidades que nos trazem aqui hoje. Tudo quanto acontecia em Timor ecoava muito alto do outro lado do mundo. Vivi sempre os assuntos de Timor sem nunca cá ter estado.

A minha geração mal entrou na maioridade, marchou para a guerra do ultramar e, de 1954, data do primeiro morto, Aniceto Rosário, em Dadrá, no estado da então Índia portuguesa, até 1974, fim da guerra do ultramar, cumpriu nas Forças Armadas o seu dever pelos cinco cantos do mundo. Servi então em quatro comissões, em Angola e em Macau. Em Macau em junho de 1975 organizei a Cimeira de Timor e acompanhei através da Rádio Naval o processo de Timor. Mais tarde, já em Lisboa, fui testemunha de um verdadeiro levantamento nacional do povo português, contra o que sucedeu em Santa Cruz e a favor do sentimento de independência do povo de Timor-Leste (a 12 de novembro de 1991).

É por isso uma honra e um privilégio hoje, como Presidente da Liga dos Combatentes de Portugal e por deferência do Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas Silva Ribeiro, poder participar nesta cerimónia que reaviva a memória e homenageia os que caíram durante a Segunda Guerra mundial, na defesa de Timor. Aqui se mistura sangue português e sangue timorense. Aqui homenageamos hoje e aprofundamos a amizade entre dois povos.

Minhas senhoras e meus senhores

No âmbito do seu Programa Estratégico e Estruturante Conservação das Memórias, a Liga dos Combatentes estabeleceu com o então Brigadeiro General CEMGFA Ma Tan Ruak, em 2009, um protocolo de cooperação em várias áreas nomeadamente a garantia da dignificação dos lugares onde se encontram inumados militares portugueses. Programa que vimos desenvolvendo em todo o mundo desde 2005. A obra de hoje da iniciativa do Almirante Silva Ribeiro com o apoio do Senhor General Lere, CEMGFA de Timor integra-se perfeitamente nesse Programa da Liga dos Combatentes, pelo que em meu nome pessoal e de todos os membros da Liga dos Combatentes de Portugal agradeço a honra de poder estar presente hoje nesta simbólica cerimónia. Como

afirma o Senhor Almirante Silva Ribeiro a Liga dos Combatentes é uma instituição que integra em si a continuação da defesa dos valores humanistas das Forças Armadas portuguesas. Fazemo-lo há cerca de cem anos, praticando a solidariedade e promovendo os valores da história e os símbolos nacionais, bem como, da segurança e da paz. Homenageamos os mortos e lutamos pela dignidade dos vivos.

Meus senhores e minhas senhoras
Caras altas entidades hoje aqui presentes

Permita-me que para além da homenagem que hoje os combatentes de Portugal prestam aos combatentes veteranos de Timor-Leste, aproveite este momento para vos transmitir a disponibilidade da Liga dos Combatentes para continuar a cooperar com as instituições de Timor. Estamos disponíveis, se assim considerarem útil, para propor a admissão da organização de combatentes de Timor-Leste na Federação Mundial dos Antigos Combatentes. Igualmente para sugerir que, em conjunto com outros países de expressão portuguesa, lutemos pela inclusão do tema Apoio aos Antigos Combatentes, na agenda da CPLP.

Finalmente, disponíveis para retomar o Protocolo existente desde 2009, entre a FRETILIN e a Liga dos Combatentes, ou outro que entendam oportuno, nomeadamente a criação de um Núcleo da Liga dos Combatentes em Timor-Leste e o desenvolvimento em Timor-Leste do programa Estruturante Conservação das Memórias, para dignificação dos lugares onde se encontram inumados militares portugueses e da manutenção sistemática dos monumentos existentes em Timor e a Portugal.

Uma palavra de muito apreço para todos os que trabalharam e se esforçaram para que este monumento retomasse a dignidade que merece e que todos desejamos se mantenha em honra daqueles que hoje homenageamos. A sua Exa. O MGen Lere, CEMGFA de Timor e aos elementos da FALINTIL os agradecimentos da Liga dos Combatentes de Portugal.

Agradeço igualmente ao Sr. Adido da Defesa Coronel Zambujo Dores e ao Delegado da Liga dos Combatentes em Timor-Leste, Coronel António Silva, todo o apoio prestado.

Curvo-me mais uma vez, perante a memória dos que ao longo da história caíram por Timor-Leste e por Portugal, em particular os que em 1 de outubro de 1942, neste lugar, contribuíram, com o seu sacrifício, para a história do Timor de hoje, tal como D. Aleixo Corte Real ou Artur de Canto Resende, e outros da mesma época o fizeram. Os Combatentes Veteranos do Timor de hoje igualaram-nos na sua luta e honraram-nos.

Permitam-me, pois, a leitura de um poema meu em sua honra publicado no livro Caminhos, e escrito no ano 1999, do século passado, após os acontecimentos de Santa Cruz, e quando Timor-Leste lutava pela sua independência, é uma síntese do sentimento do povo Português e meu, pelo povo de Timor-Leste, no duro ambiente geográfico que acolhe o protege; tem por título "Timor".

TIMOR

Tudo, tudo à minha volta
É um sentimento de revolta.
Tudo, tudo em meu redor
É ansiedade, é dor.

O Sol nasce sem luz
Na terra do Sol nascente,
Confiantes entregam vidas
Nas mãos de Nações Unidas.

Mundo da hipocrisia de novo
Maltrata a alma de um povo.
Do outro lado do mundo
Destrói-se o mais profundo.

A coragem de uma Nação
Que acende vela da Liberdade.
Vê-se uma força sem razão
Vê-se um crime contra a humanidade.

Deste lado, Portugal todo é fervor
E luta, luta, luta por Timor.
Tudo, tudo à minha volta
É sentimento de revolta.

O povo de Timor deu lição ao mundo
Durma ou não o sono mais profundo.
Mas só a coragem de nascer
Dá a Timor o direito de viver.

Meus senhores e minhas senhoras

Os caídos que hoje homenageamos têm nome e nós temos memória, não os esquecemos. Peço por isso a terminar, que me acompanhem respondendo PRESENTE, sempre que identificar, pelo nome os que caíram e aqui se encontram. E hoje evocamos:

1. Capitão de Infantaria António Maria Freire da Costa;
2. Maria Eugénia Freire da Costa;
3. Dr. Médico Diniz Ângelo de Arriarte Pedroso;
4. Secretário da Circunscrição José Gouveia Leite;

5. Chefe do Posto Administrativo Auxiliar António Afonso;
6. Cabo de Infantaria Evaristo Gregório Madeira;
7. Cabo de Infantaria João António da Costa;
8. Cabo Álvaro Henrique Mayer;
9. Cabo João Florindo;
10. Três Soldados Timorenses não identificados.

Viva Timor-Leste

Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

5 de outubro de 2019

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

A INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL E AS FORÇAS ARMADAS

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Organizadora
Exmos. Senhores membros da Comissão Organizadora

Minhas Senhoras e meus Senhores

Hoje é dia de reflexão para as eleições de amanhã.

Não vou por isso fazer nenhum discurso. Vou fazer algumas e rápidas reflexões sobre o tema que me foi proposto: A independência de Portugal e as Forças Armadas. Muito obrigado pelo convite.

Evocam-se hoje 876 anos da independência de Portugal. Da conquista à independência. Da soberania à expansão. Da Europa para o mundo e do mundo para uma nova Europa.

Fases da história multissecular de um povo e de um país a beira-mar plantado...no dizer do poeta. História de sangue, suor e lágrimas no dizer de outro pensador. Mas sempre “heróis do mar, nobre povo, Nação valente...”.

Em todas as fases da História de Portugal a espada acompanhou sempre o diálogo terreno ou transcendente. D. Afonso Henriques com a espada na mão, em diálogo com S. Miguel Arcanjo, garantiu a nossa independência. D. Nuno Álvares Pereira, o militar e combatente condestável do reino, hoje santo, ajoelha em Aljubarrota e, de armas na mão, impede que essa independência se perca.

Na grande guerra, o Cristo das Trincheiras é testemunha da valentia e sacrifício dos militares do Corpo Expedicionário Português (CEP). Em maio de 1917 surge Fátima a acompanhar essas forças portuguesas, na partida para o primeiro conflito de nível mundial. Na guerra do ultramar, as forças portuguesas espalharam por África apoio às populações e guerra a quem lhes fazia a guerra, quantas vezes acompanhadas de um Cristo do Capim.

Exemplos aleatórios da construção histórica de um país que se formou, viveu e vive com a determinação e valentia dos seus homens de armas, com o saber dos seus diplomatas e, porque não, com a fé permanente no seu destino.

Uma análise rápida da História de Portugal permite-nos afirmar que não houve século algum da história de Portugal em que as Forças Armadas não tivessem que atuar na defesa dos interesses superiores do país, de armas na mão, garantindo a sua independência. Com vitórias e derrotas, sucessos e insucessos, mas sempre tendo como resultante final a sobrevivência de uma Nação. Hoje com as fronteiras mais antigas da Europa.

Com D. Afonso Henriques no século XII na conquista do território nacional. Os seus sucessores no séc. XIII e XIV que, com os combatentes e a criação de um carácter nacional, conduziram à garantia da independência. No XV nas diversas guerras com Castela e no domínio dos mares. No séc. XVI fazendo frente a invasão de Portugal pela Espanha e em confrontos em diferentes partes do mundo.

No séc. XVII nas guerras de Restauração com a Espanha, na Índia, no Brasil e com a Holanda em diversos cantos do mundo.

No séc. XVIII nas guerras com Espanha, Índia e África.

No séc. XIX fazendo frente a três invasões francesas e uma guerra civil.

Finalmente no séc. XX na I guerra Mundial e na guerra do Ultramar.

É centenária, mas marcante, a incontornável afirmação de um militar ilustre, de que Portugal é obra de Soldados. De facto, esses homens fardados, têm feito milagres. Mas é um erro grave, criarem-se condições e acreditar que serão esses milagres a garantir a sobrevivência do país. Foram essas crenças políticas que arrastaram normalmente o país para difíceis e sobressaltados momentos ao longo da sua história, depois de às suas Forças Armadas serem atribuídas missões de sucesso impossível, com os meios que lhe foram postos a disposição. Meios humanos e meios materiais. As Forças Armadas de um qualquer país, qualquer que seja o território a vigiar, manter a segurança ou defender, articulam-se em meios operacionais e logísticos.

Por sua vez a articulação dos meios operacionais exige desde o tempo de paz, forças de quadrícula e forças de intervenção, chamadas reserva dos Altos Comandos, com os quais o Comandante-chefe intervém e influência a manobra. Quando um país abdica da quadrícula ou acaba por substituí-la por meios pouco adequados e emprega as forças altamente especializadas, que deveriam ser as forças de reserva do Alto Comando, em missões de quadrícula e de segurança no apoio às populações, para além de desqualificar as forças especiais, desarticula por completo as Forças Armadas, ficando estas impossibilitadas de se oporem coerente sustentadamente a quaisquer ameaças. A garantia da independência tem várias óticas e pode perder-se sem que as FA possam ou tenham tempo de intervir ou de a garantir. Mas quando perante uma ameaça externa, for necessário empregar as FA e os meios que houver para dispor, forem apenas forças especiais, a situação torna-se cara e rapidamente insustentável em meios humanos, financeiros e operacionais.

A independência desse país estará em causa.

Minhas senhoras e meus senhores

O mar foi o nosso destino e o mundo a nossa geografia humana. Aí criámos impérios geográficos de relações humanas invejáveis. Empenhámos meios humanos e financeiros significativos com resultados altamente positivos, para a posição de Portugal no mundo. Hoje, regressados à Europa que sempre nos hostilizou e às fronteiras naturais de D. Diniz, Portugal, continua a manter o seu Império da Alma a nível global.

É esse Império da Alma, de profunda portugalidade, constituído por portugueses e portuguesas espalhados pelo mundo, que uma vez estimulado, acarinhado e organizado, em rede, será um fator estratégico equilibrador e potencializador do nosso peso específico numa nova Europa que nos acolhe, mas nos exige. Não haverá Portugal sem portugueses, nem Portugal sem Forças Armadas. A abolição destas ou mesmo a sua redução drástica, seria a abolição da História de um povo e de uma Nação e o nascer de algo novo sem futuro e de destino marcado. Sem armas e sem homens para travar batalhas decisivas a ameaça seria real e permanente.

Batalhas decisivas como as travadas por D Afonso Henriques na conquista do território. D Diniz na conquista do Algarve. D. João I e Nuno Álvares Pereira em Aljubarrota. Pela negativa D. Sebastião em Alcácer Quibir. Pela positiva com os conjurados e nas batalhas da Restauração, bem como os portugueses e ingleses nas batalhas face às Invasões francesas.

Todos os momentos mencionados moldaram decisivamente a História de Portugal. Também nós pertencemos a uma geração que durante 21 anos, de 1954, data das primeiras baixas na Índia, até 1975 em África, conduziu uma das batalhas mais decisivas da nossa História, empenhando cerca de um milhão de homens num conflito armado cujo desfecho final mudou para sempre e decisivamente a História de Portugal.

As gerações e seus responsáveis que não respeitarem a História apressam a máxima de Arnold Joseph Toynbee, quando afirma que as Nações nascem, crescem e morrem. Portugal recusa -se morrer. E algumas vezes ao longo da sua História renasceu das cinzas.

Hoje, portanto, dia em que junto ao monumento a D. Afonso Henriques, no Castelo de S. Jorge, se evoca da História, a independência de Portugal, terá que ser um dia de evocação positiva dessa História e da evolução positiva de um país e de um povo que em democracia e em liberdade, saberá sempre escolher ou conquistar o seu destino.

Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

101.º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 98.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E 45.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

11 de novembro de 2019

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor CEMGFA, Almirante Silva Ribeiro,

Os nossos agradecimentos por mais uma vez estar connosco e se dignar presidir a esta centenária e significativa cerimónia nacional. Cerimónias locais decorrerão por todo o país e no estrangeiro, organizadas pelos nossos Núcleos com o apoio das Forças Armadas.

As nossas saudações e agradecimentos, na sua pessoa, a todos os Chefes de Estado-maior dos Ramos, pela compreensão, e permanente apoio, que garantem à Liga dos Combatentes. Uma palavra muito especial para a ação que, em conjunto, e a seu convite, tivemos oportunidade de realizar em Timor, no âmbito do Programa Conservação das Memórias. Também o espaço onde nos encontramos foi enriquecido, no ano em curso, por iniciativa da Liga dos Combatentes, com a inauguração de um monumento às Missões de Paz, mas, para o qual, com o apoio de V. Ex.ª, as Forças Armadas e de Segurança contribuíram decisivamente. O nosso muito obrigado.

Exma. Senhora Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes Dr.ª Catarina Castro

A nomeação de V. Ex.ª para uma função em que publicamente se transmite à população portuguesa e aos combatentes, uma preocupação expressa do governo e MDN, relativamente aos antigos combatentes, é por si só, motivo de satisfação e esperança de diálogo aberto e profundo que conduza à resolução efetiva de problemas que afetam o nosso universo e suas famílias.

Por parte da Liga dos Combatentes garantimos a V.ª Ex.ª uma posição, fundamentada numa história centenária, de total e sempre leal colaboração e cooperação relativamente a todos os assuntos sobre os quais tenhamos de nos pronunciar, muito especialmente quando estiverem em causa, os nossos membros, as nossas estruturas sociais, de apoio à saúde, de apoio à cultura ou patrimoniais. As maiores felicidades no desempenho da sua missão.

Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém Dr. Fernando Rosa; Chefe de Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca; Chefe de Estado-Maior da Força Aérea, General António Borrego; Exmo. Senhor Vice-Chefe de Estado-Maior da Armada, V/Alm Jorge Novo Palma; Representante do General Comandante da GNR; Representante Diretor Nacional da Polícia de Segurança Pública; Exmo. Professor Dr. Adriano Moreira; Exma. Senhora Embaixadora de França, Madame Florence; Senhor Embaixador de Angola, Dr. Carlos Alberto Fonseca, as nossas felicitações pela efeméride que Angola hoje celebra, e representantes dos Senhores Embaixadores de países amigos presentes.

Exmos. Senhores Almirantes, Senhores Generais e Dirigentes do Ministério da Defesa Nacional, Adidos de Defesa de países amigos. Exmo. Senhor Presidente da ANT/TRN de França, General Presidente da FACVPA de Angola, Souvenir Français e British Legion; Presidentes e representantes de Associações de Combatentes e da Cruz Vermelha Portuguesa; Membros do Conselho Supremo, Direção Central e Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes Entidades civis militares e religiosas.

Caros Combatentes e militares em formatura Minhas senhoras e meus senhores

Hoje, não é dia do Combatente. Hoje, evocamos ainda mais do que isso. Hoje, celebramos a Paz. Situação que os combatentes amam mais do que ninguém. Num momento em que se evoca o 101º aniversário do Armistício da Grande Guerra e se encerram as evocações do centenário dessa mesma guerra, com a celebração do regresso das tropas portuguesas do CEP a Portugal, é momento para também recordarmos que foi precisamente, após o regresso das tropas do CEP que um grupo de combatentes pensou em organizar-se para apoiar os seus camaradas regressados da guerra. Há precisamente 100 anos, em 1919, nascendo daí a LCGG. Celebramos hoje o 98.º aniversário da sua fundação.

Ninguém suspeitaria que, 56 anos após o regresso do CEP, regressariam, a Portugal, as ultimas tropas de entre os cerca de um milhão de homens que, durante 21 anos, em conflito aberto, se bateram na guerra do ultramar de 1954 a 1975. Evocamos assim também hoje os 45 anos do fim da guerra do ultramar. A guerra em que muitos de nós tivemos que participar.

Ao iniciarem-se dentro de dois anos as comemorações do centenário da fundação da Liga dos Combatentes (1921), 1.ª Assembleia-geral (1923) e oficialização (1924), período durante o qual devemos recordar a História do seu primeiro centenário, parece ser oportuno transmitir-vos uma palavra sobre o presente, passado e a minha visão estratégica sobre o futuro.

O ano em curso caracterizou -se pelo aprofundamento da abrangência e pelo cumprimento estatutário da promoção do Prestígio de Portugal, designadamente através de ações de intercâmbio com associações congéneres estrangeiras. Estabelecemos relações com a Federação de Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria em Angola, como estabelecemos com a Associação de Veteranos da Luta de Libertação Nacional de Moçambique e da Guiné. Aderiram já à Liga dos Combatentes, como nossos Núcleos, as Associações de Richebourg, Roubaix e do Comité Sousa Mendes em Bordéus, bem como as Associações de Combatentes de Winnipeg, Toronto e Montreal. Continuámos, no ano em curso, o intercâmbio com a Real Hermandade de Veteranos das Forças Armadas e Guarda Civil de Espanha. Temos connosco como é tradição a Souvenir Français e a British Legion.

Hoje, estabeleceremos a geminação protocolar com a Associação Nacional dos Titulares do Título de Reconhecimento da Nação de França, de quem temos a honra de ter connosco o seu Presidente Alan Coupérie. Connosco também o General Ludgerio Peliganga Presidente da FACLPA de Angola. Ainda no exterior criámos, o Núcleo da LC de Macau/China, o Núcleo da Califórnia, nos EUA, onde igualmente foi inaugurado, em Turlock, um monumento de homenagem aos Combatentes por Portugal, e estivemos em Timor no âmbito do Programa Conservação das Memórias, contactando com Veteranos da Luta de Libertação Nacional de Timor e com militares portugueses, lançando as raízes para um Núcleo da Liga dos Combatentes naquele país.

A Liga dos Combatentes é hoje uma instituição com prestígio nacional e internacional que promove o prestígio de Portugal no estrangeiro e está representada em quatro continentes.

Minhas senhoras e meus senhores

Ao assumirmos a presidência Liga dos Combatentes, (2003) a nossa visão da sua missão, após a interpretação dos Estatutos, foi a de que era possível garantir a perenidade da Liga dos Combatentes havendo para isso que trabalhar para, ativando e renovando a sua imagem, tornar a Liga útil, visível e credível, ao serviço do país e dos seus membros.

Partimos assim para uma reforma estruturante que designámos por “imagem renovada”. Reforma que tem sido conduzida através de várias componentes. Reforma das mentalidades, do sentido simbólico, dos conceitos de atuação.

Nomeadamente no âmbito da Solidariedade, da Cultura Cidadania e Defesa, Cuidados de Saúde e Apoio Social, Conservação das Memórias, Inovação e Modernização, Passagem do testemunho, enfim do próprio sistema contabilístico e financeiro.

No ano em curso iniciámos a automatização de toda LC com o Sistema Primavera, prevendo-se que entre em funcionamento em 2020.

Criámos um novo QO do Pessoal, definindo categorias e tarefas e foi possível efetuar um aumento generalizado dos funcionários. Continuamos a aumentar o número de Núcleos e de Sócios.

É importante que sintamos que durante os últimos anos foi possível com o apoio de todos, dirigentes, técnicos, funcionários e membros da Liga dos Combatentes, realizar uma profunda Reforma Estruturante da centenária Liga dos Combatentes, renovando a sua imagem.

Hoje, afirmamos que para além da Direção Central e Núcleos e Serviços Administrativo-Logísticos, a Liga dos Combatentes passou a ter Estruturas de Apoio Social, Estruturas de Apoio à Saúde, Estruturas de Apoio à Cultura e Estruturas Patrimoniais.

A Liga dos Combatentes mantém-se numa fase de crescimento, com os objetivos a curto prazo já conhecidos.

Passámos de 64 para 120 Núcleos e Delegações o que significa que criámos uma nova Liga com mais, até agora, 56 núcleos. Passámos de zero para 14 núcleos ou delegações no estrangeiro. Passámos de 350 para cerca de 690 dirigentes voluntários, ou seja, mais 340 dirigentes. Registou-se nos últimos anos a inscrição de mais 37 000 sócios, com uma média de 2500 sócios por ano, embora predamos, por morte cerca de 600 anualmente.

No âmbito do pessoal, passámos de 29 funcionários para 120 funcionários, com a criação das residências, e do Museu do Combatente, não incluindo, os cerca de 60 técnicos dos CAMPS. Fomos e somos criadores de postos de trabalho e prestadores de serviços ao país, agora com Estruturas Sociais, de Apoio à Saúde e Estruturas Culturais e Patrimoniais. Enfim, somos uma Instituição útil ao país e em particular aos seus membros, como reza o nosso estatuto, com esperança fundada na nossa perenidade.

Esse, o nosso Objetivo estratégico de Longo Prazo. Esse, o sonho da Liga dos Combatentes que é o sonho dos seus Membros. O sonho da Liga dos Combatentes materializa-se projetando a sua história centenária no presente e suas circunstâncias, criando e prospetando as condições necessárias à sua Perenidade no futuro. Este objetivo será alcançado, se no presente estudarmos a nossa história, não fugirmos às dificuldades do presente e acreditarmos que o futuro exigirá o cumprimento de uma missão histórica de longo prazo, com o permanente enfrentar de novos desafios, o ultrapassar de grandes obstáculos e contradições.

Este sonho exigirá forte liderança, coragem, informação e adesão permanente dos seus Membros, a novas características históricas.

As novas características históricas da Liga dos Combatentes estão em linha com a sua própria história.

A Liga dos Combatentes percorreu uma trajetória de longa duração e comemorará o centenário da sua fundação em 2021. Avançámos com a História e o Tempo e tivemos um século XX brilhante. Iniciámos o séc. XXI, enfrentando condições históricas novas que nos conduziram à implantação de uma gestão moderna e reformista capaz de criar condições à materialização deste objetivo: a Perenidade da Liga dos Combatentes.

A História do séc. XX da Liga dos Combatentes, embora brilhante ao garantir apoios e a sua sobrevivência, viveu períodos distintos em que ao consolo dos êxitos obtidos, se opuseram dificuldades que só a força dos seus objetivos e dos seus dirigentes e Membros permitiu superar. O final do século XX veria morrer o último combatente da GG, veria nascer os novos combatentes das Operações de Paz e o ano 1975 deixaria no seio da Sociedade Portuguesa cerca de um milhão de Homens que fizeram a guerra do Ultramar.

A reorganização sistemática das Forças Armadas que conduziu à redução de cerca de 250 000 efetivos em 1974 para 30 000 em 2019, bem como a redução dos Combatentes do Ultramar, por efeitos da ditadura do tempo, conduziu a novas características históricas do universo dos Membros da Liga dos Combatentes.

O Séc. XXI, a manterem-se as condições de Paz em Território Nacional e a realização de Operações de Paz e Humanitárias com as características até agora realizadas, aparecer-nos-á igualmente o desaparecimento progressivo dos Combatentes da Guerra do Ultramar até 2050.

O Universo dos Membros da Liga dos Combatentes será então, como hoje, encontrado nos Combatentes das Forças Nacionais Destacadas, nos Membros das Forças Armadas, dos três Ramos, nas Forças de Segurança (PSP e GNR), nos familiares destes e nos cidadãos portugueses que se revejam nos objetivos da Liga dos Combatentes, já hoje claramente mais abrangentes no apoio à Paz, na promoção da segurança e na luta pelos Direitos do Homem, como preconiza a FMAC.

Os Objetivos Patrióticos e Humanitários ao Serviço dos Combatentes e dos Cidadãos continuam estatutários. A História avança e não espera pelos fracos e indecisos.

Os Membros da Liga dos Combatentes que lhe deram vida no Século XX merecem dos que continuam a sua História no séc. XXI, que persistam com determinação no nobre ideal de longo prazo por eles encetado e projetem no séc. XXI, uma nova Liga dos Combatentes, útil ao País e seus Membros, visível e cada vez mais credível, na sua ação patriótica, humanitária e de defesa da Paz, dos Direitos do Homem e da Segurança.

Este ideal exige convicção e confiança dos dirigentes que deverão manter informados e aderentes, todos os Membros da Liga dos Combatentes, devendo estes ser firmes seguidores e pioneiros da sua continuação. Os primeiros vinte anos do séc. XXI, anos de Reforma da Liga dos Combatentes em curso, são o testemunho de que é possível construir a Perenidade da Liga dos Combatentes, com as novas características Históricas e as novas características dos seus Membros. Hoje, já mais de 50% dos Núcleos têm Membros que participaram em Operações de Paz e Humanitárias.

Minhas senhoras e meus senhores

A Liga dos Combatentes viveu no séc. XX três períodos políticos que diretas ou indiretamente condicionaram a sua História. Desde a sua fundação, 1921 a 1936, data a partir da qual após o estabelecimento do Estado Novo e com Salazar na pasta da Guerra, se fez sentir uma intervenção na vida da Liga e que se prolongaria até 1974, e o período após 1974 até aos nossos dias.

O primeiro período de cerca de catorze anos é um período de nascimento e procura da credibilidade à qual, depois de obtida, é fortalecida com a herança dos valores morais e materiais da Junta patriótica do Norte, da Cruzada das Mulheres Portuguesas e da Comissão dos Padrões da Grande Guerra.

O período sob a influência do Estado Novo, retirou à Liga dos Combatentes liberdade de ação e trouxe ao seio da Liga dos Combatentes interferências políticas que tentaram condicionar a sua ação e até a sua vida.

Filipe Ribeiro Menezes, no seu escrito “Os Limites do Salazarismo, o exército e as comemorações da Grande Guerra”, demonstra claramente a atitude negativa de Salazar para com a participação portuguesa na Grande Guerra: não assistiu uma única vez, enquanto ministro da guerra, de 1936 a 1944 às cerimónias de 9 de abril e 11 de novembro. Nunca tal tinha acontecido antes, nem aconteceu depois. Salazar determinou mesmo em 1941 que deveriam ser canceladas por completo as cerimónias de 9 de abril e 11 e novembro. Determinou mesmo à censura que não deveriam ser publicadas notícias sobre esses eventos. As cerimónias foram reduzidas de 1941 a 1943, mas não terminaram. Os combatentes e as forças armadas deram-lhe vida e em 1945 com a remodelação do governo a imprensa voltou a noticiar as cerimónias.

Mas só o ano de 1974 traria novos horizontes no que se refere à liberdade democrática da Liga dos Combatentes e sua dependência autónoma do Estado.

Até finais do século XX porém a Liga dos Combatentes, por comportamentos circunstanciais e não históricos, foi pelos novos políticos, erradamente ligada ao anterior regime.

Regime que a recebeu e muitas vezes para ela olhou como um grupo perigoso e a extinguir. Organização nascida de baixo para cima e batendo-se por valores superiores, tudo superou e de facto, é hoje, de acordo com os seus estatutos, uma Instituição patriótica, humanitária e apartidária, sem quaisquer conotações políticas ou religiosas.

Importa, pois, ter a capacidade de procurar descobrir os melhores para, com o seu talento, desenvolverem uma Liga dos Combatentes que todos desejam, capaz de estabelecer as relações amistosas, que contribuam para levar por diante a causa Nobre de promoção dos valores, da Solidariedade, da Segurança, dos Direitos do Homem e do Valor da Paz. Contamos para isso, igualmente, com o apoio do Governo e do Ministério da Defesa Nacional.

Minhas senhoras e meus senhores

Permitam-me uma referência especial a um evento que seguidamente vai ter lugar e que é a materialização de mais um objetivo a que nos propusemos. Em agosto de 2007 fizemos proposta à CML para a atribuição do nome de um arruamento de Lisboa ao Fundador da Liga dos Combatentes.

Em 24 de Agosto de 2018, após ter visitado a Liga dos Combatentes o Grupo Parlamentar Municipal do PPM fez idêntica proposta devidamente fundamentada à Assembleia Municipal da CML.

A proposta foi aprovada por unanimidade e posteriormente definido pela comissão de toponímia da CML o lugar a que deveria ser atribuído o nome do fundador da Liga.

Foi agora publicado através do editorial 142/2019 onde se lê que: foi atribuído ao arruamento ao jardim da Torre de Belém, frente ao Museu do Combatente, na freguesia de Belém, o nome de Passeio João Jayme Faria Affonso.

A Liga dos Combatentes decidiu dignificar o referido espaço e colocar ali o Busto do Fundador. Um agradecimento à Camara Municipal de Lisboa na Pessoa do seu Presidente Dr. Fernando Medina e ao senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém Dr. Fernando Rosa, o proponente, e a todos os que interferiram neste processo.

Este espaço terá assim, com este passeio, uma referência explícita à Grande Guerra, outra às Missões de Paz, com o monumento recentemente inaugurado, referências que enquadram o monumento e memorial à Guerra do Ultramar e testemunham as principais vivências militares do séc. XX e XXI.

Não posso deixar de salientar que numa das lápides do monumento à GU se encontra o nome do Capitão de Cavalaria Jaime Anselmo Faria Afonso, filho de Jayme Faria Affonso e que, enquanto Comandante do Esquadrão de Cavalaria 1, morreu em combate em Moçambique, durante a operação Nó Górdio, tendo sido condecorado com a Cruz de Guerra 1ª classe e promovido a Major por distinção. A partir de hoje pai e filho encontrar-se-ão no mesmo espaço de homenagem por extraordinários serviços prestados a Portugal.

Termino como comecei. Hoje, não é dia do Combatente. É dia de todos celebrarmos a Paz. Defendamo-la a todo o custo.

Viva a Liga dos Combatentes
Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general